

E S P E C I A L

O NORDESTE E O PRÉ-SAL

DOMINGO, 30 de maio de 2010

O futuro é agora

Um novo Brasil está surgindo a partir da descoberta de gigantescas jazidas de petróleo abaixo das camadas do pré-sal. Com a perspectiva de investimentos contínuos, até 2020, de R\$ 580 bilhões, sendo R\$ 102 bilhões no Nordeste, será possível um enorme salto de qualidade. Com inovação tecnológica e segurança jurídica para os investimentos, milhares de empregos serão gerados com desdobramentos positivos para todos os setores produtivos. As receitas públicas crescerão e será possível reduzir as desigualdades e redescobrir um país mais produtivo e socialmente mais justo. Uma realidade que já começou a mudar.



Tesouro do fundo do mar

Projeto nacional de exploração das recém-descobertas jazidas de petróleo vai eliminar desigualdades regionais. Petrobras e empresas parceiras planejam investir R\$ 580 bilhões até 2020, R\$ 102 bilhões apenas no Nordeste

O futuro que insistia em não querer vir por aqui, como já disse o poeta, está prestes a se tornar uma realidade transformadora. Capaz de mudar todo o perfil da economia brasileira e contribuir para diminuir as desigualdades regionais. A descoberta de gigantescas jazidas de petróleo abaixo da camada do pré-sal tem tudo para operar o milagre de levar o Brasil para a condição de ator principal e não mais um mero coadjuvante das decisões das grandes potências mundiais. De acordo com a Petrobras, nos próximos 10 anos o país vai dobrar a produção dos atuais 2 milhões para 4 milhões de barris por dia. Resultado suficiente para passar a figurar entre os 10 maiores exportadores de petróleo do planeta.

Trata-se de um projeto nacional que tem cifras e objetivos gigantescos e será capaz de permitir um salto de qualidade da economia brasileira, com destaque para o setor industrial. Nos planos da Petrobras e diversas empresas e instituições parceiras, estão previstos investimentos de nada menos do que R\$ 580 bilhões até 2020.

Já estão sendo instaladas novas plantas industriais como cinco refinarias, estaleiros e diversas empresas que compõem a cadeia produtiva de petróleo, gás e offshore. Parte dos recursos deverá ser aplicado em infraestrutura para assegurar escoamento da produção com garantias de qualidade e competitividade.

Com a definição de um novo marco regulatório para o petróleo e a possibilidade real da universalização da distribuição das suas receitas, os benefícios devem ser levados para todo o Brasil. O Nordeste é a bola da vez para sair do atraso. "A perspectiva para o Nordeste é de receber proporcionalmente 17% do total, ou seja, R\$ 102 bilhões se for mantida a taxa anual de investimentos", destaca o diretor de Operações da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Rafael Lucchesi.

Na programação de investimentos da Petrobras já em desenvolvimento, estão previstos R\$ 44,88 bilhões ou US\$ 24,5 bilhões em empreendimentos e infraestrutura. Sete estados nordestinos estão contemplados. Se incluírem ainda as aplicações previstas por empresas parceiras da Petrobras (terceiros) estes valores chegam R\$ 57,53 bilhões ou US\$ 33,4 bilhões. (confira a tabela ao lado).

PRINCIPAIS PROJETOS NORDESTE 2009-2013

PERNAMBUCO

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Refinaria Abreu Lima e encomenda de navios do Promef 26	15.938	24.926
Malha de gasodutos do Nordeste (Pilar-Ipojuca)	289	289
Petroquímica Suape e Cia Integrada Textil de Pernambuco	1.126	2.561
Projeto de logística e infraestrutura e automotivo	90	90
Investimento Total	17.443	27.867

BAHIA

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Construção de plataformas auto-elevatórias (P-59, P-60), desenvolvimento do Pólo Araçás, Dom João Mar e Manati	7.463	8.429
Projetos da refinaria Landulpho Alves (RLAM) para aumento do processamento de óleo nacional	4.785	4.785
Gasoduto Gasene- Perna Norte e estação de Itajuípe GASCAC	1.427	1.427
Fafen/BA - Planta de ácido nítrico	663	663
Projeto logística e infraestrutura e aviação, automotivo	302	302
Investimento Total	14.640	15.606

RIO GRANDE DO NORTE

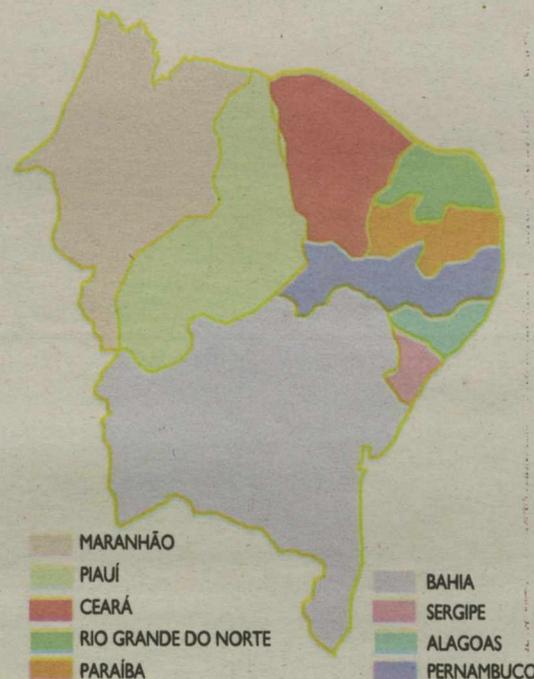
R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Desenvolvimento de produção; exploração; injeção de água em Canto do Amaro e Ubarana; injeção de vapor em Estreito	3.950	4.120
Refinaria Clara Camarão	177	177
Termoação e térmicas a óleo combustível, Usina de Guimarães (biocombustíveis), logística e infraestrutura automobilística	214	214
Investimento Total	4.341	4.511

SERGIPE

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Injeção de água em Camocim, Carmópolis e Dourado;	3.825	3.918
Projeto na Fafen-SE e projeto de infraestrutura		
Investimento Total	3.825	3.918

CEARÁ

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Projetos de produção; exploração; SMS e infraestrutura;	2.927	3.155
Refinaria Premium II; Projetos na LUBNOR; Térmicas a gás natural; GNL estrutura NE; Logística, infraestrutura e automotivo		
Investimento Total	2.927	3.155



MARANHÃO

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Exploração; Refinaria Premium II; Projetos na LUBNOR;	1.607	1.632
Projeto de logística e infraestrutura e asfalto		
Investimento Total	1.607	1.632

ALAGOAS

R\$ Milhão	Petrobras	Petrobras + Terceiros
Projetos de desenvolvimento da produção; Malha de gasodutos do Nordeste (Pilar - Ipojuca); Projeto de logística e infraestrutura	839	843
Investimento Total	839	843

Total geral Nordeste 44.884 57.532

Fonte: Petrobras

O que é pré-sal

O termo pré-sal refere-se a um conjunto de rochas localizadas nas porções marinhas de grande parte do litoral brasileiro, com potencial para a geração e acúmulo de petróleo. Convencionou-se chamar de pré-sal porque forma um intervalo de rochas que se estende por baixo de uma extensa camada de sal, que em certas áreas da costa atinge espessuras de até

2.000m. O termo pré é utilizado porque, ao longo do tempo, essas rochas foram sendo depositadas antes da camada de sal. A profundidade total dessas rochas, que é a distância entre a superfície do mar e os reservatórios de petróleo abaixo da camada de sal, pode chegar a mais de 7 mil metros. As maiores descobertas de petróleo, no Brasil, foram feitas recentemente pe-

la Petrobras na camada pré-sal localizada entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, onde se encontrou grandes volumes de óleo leve. Na Baía de Santos, por exemplo, o óleo já identificado no pré-sal tem uma densidade de 28,5° API, baixa acidez e baixo teor de enxofre. São características de um petróleo de alta qualidade e maior valor de mercado.

Ampliação de escola do Senai vai acelerar formação de técnicos especializados nas novas demandas do setor produtivo

Mão de obra para o futuro presente

Antes mesmo da chegada do pré-sal, o trabalho de qualificação de mão de obra já começou em ritmo acelerado em Pernambuco. Diversos estudos foram realizados pela CNI, juntamente com a Fiepe e o Senai, como forma de atender a demanda por profissionais preparados para atuar em investimentos estruturadores como o Estaleiro Atlântico Sul (EAS), a Refinaria Abreu e Lima e o polo petroquímico. "A refinaria chegou a ter várias máquinas paradas por falta de operadores. Rapidamente o Senai, com o apoio da CNI, montou um canteiro escola e formamos 1.100 operadores e o cronograma da obra foi rigorosamente cumprido. E o melhor, essas pessoas estão sendo aproveitadas no polo de hemoderivados, na transposição do Rio São Francisco e na própria Transnordestina", destaca o presidente da Fiepe, Jorge Wicks Côrte Real.

Mas a grande preocupação da Fiepe é permitir que esse desenvolvimento chegue a todas as regiões do estado. A federação identificou que um dos principais gargalos era a falta de qualificação da mão de obra e tem feito um investimento maciço na ampliação, reforma e construção de Escolas Técnicas do Senai. Hoje são dez unidades presentes na Grande Recife, no Agreste e no Sertão. O Senai oferece 20 cursos técnicos, além de 228 opções de qualificação e aperfeiçoamento tecnológicos diferentes. A Escola Técnica do Senai do Cabo de Santo Agostinho, por exemplo, teve o seu tamanho quadruplicado. "Uma das funções do Senai é se antecipar a demanda do setor produtivo e prospectar tendências. Para isso, desenvolvemos vários estudos em conjunto o Senai nacional e o regional, para se anteceder a demanda dos investimentos estruturadores, como os de Suape. Só no estaleiro temos 2.800 trabalhadores com diploma do Senai, alguns deles com reconhecimento intencional", comemora Jorge Côrte Real.

Mas o grande salto de qualidade e eficiência dessas escolas foi promover a educação tecnológica com o foco na vocação econômica de cada região. Essa atenção possibilitou levar parte desse desenvolvimento econômico também para o interior do estado, valorizando os arranjos produtivos locais. É o caso de Petrolina, onde a escola é voltada para o setor de alimentação e as de Caruaru e em Santa Cruz de Capibaribe, que atendem ao polo de confecção, responsável por 17% da produção nacional.



Escola Técnica do Senai no Cabo de Santo Agostinho foi quadruplicada para preparar trabalhadores especializados para Suape



Habilitação de soldadores feita no Senai

Tecnologia para atender o pré-sal

Muito mais do que formar mão de obra especializada a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) está preocupada em desenvolver pesquisas e desenvolvimento no setor. Para isso vem contando com o apoio da Petrobras para construção de importantes laboratórios. O objetivo é dispor de tecnologia para o desenvolvimento de novos produtos.

"A área de exploração de poços exige uma tecnologia altamente sofisticada. A Petrobras testa seus equipamentos nos Estados Unidos, onde apenas três centros privados possuem esses equipamentos. Mas a construção do Centro de Estudos e Ensaios em Risco e Modelagem Ambiental (Ceerma) na UFPE nos permitirá realizar esses testes aqui", assegura o reitor Amaro Lins. O laboratório é fruto de um convênio com a Petrobras no valor de R\$ 50 milhões. São salas de realidade virtual em três dimensões, onde é possível perfurar alguns poços virtuais de teste e analisar os equipamentos que serão usados nesses poços. O objetivo dele é

uma modelagem computacional.

A partir de um estudo do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp) foram planejados alguns cursos de pós-graduação *latu sensu*, inseridos no plano de qualificação profissional. Praticamente em todas as engenharias estão oferecendo cursos de qualificação na área de petróleo, gás, naval e offshore. A UFPE está oferecendo turmas para engenheiro de campo, engenheiro de tubulação e engenheiro elétricos de tubulação, todos na área de construção e montagem. "Esses cursos se destinam a profissionais já graduados que estão no mercado e querem se qualificar no setor, em face dessas novas oportunidades que estão surgindo", esclarece o reitor.

Além disso, dois novos cursos de graduação serão criados para atender o setor de petróleo: engenharia naval e engenharia de equipamentos. O esforço de qualificação será grande, pois até 2013, o Brasil precisará ter 207 mil profissionais de 185 categorias diferentes.

Arquivo/SENAI PE/Divulgação

ARMANDO MONTEIRO NETO - Presidente da CNI

“Um salto para o futuro”

Um cenário promissor para o setor produtivo nacional, particularmente para a indústria, está se configurando após as descobertas de extensas jazidas de petróleo abaixo das camadas do pré-sal. O momento é oportuno. É a garantia de um novo marco regulatório que ofereça estabilidade, segurança para o investimento e retorno para a população, com geração de empregos e renda capaz de reduzir as disparidades regionais. Tudo para que se confirme um novo quadro capaz de mudar o perfil da economia brasileira e do Nordeste. É o que revela o presidente da CNI, deputado federal Armando Monteiro Neto nesta entrevista.

Qual o papel institucional da CNI na definição do novo marco regulatório da exploração prevista nas áreas do pré-sal?

A elevada demanda por investimentos no setor de petróleo e gás natural, destacando o pré-sal, representa excepcional oportunidade para a indústria brasileira. A carteira de encomendas, associada à pesquisa e à produção, recomenda uma política industrial específica, que maximize a geração de renda e emprego no país. O fortalecimento da cadeia produtiva deve ser um dos principais pilares dessa política. Há condições concretas para se criar uma indústria brasileira de suprimento de classe mundial. O grande desafio é valer-se do cenário favorável para dinamizar toda a cadeia de fornecedores no Brasil. O impacto do pré-sal na estrutura produtiva brasileira será de tal ordem que a definição do seu modelo de exploração precisa ser exaustivamente discutido. A CNI está presente neste debate defendendo a criação de um ambiente competitivo e atrativo para o investimento privado, em complementação ao investimento estatal. O novo



O pré-sal será um elemento indutor crescimento, atuando na redução das disparidades regionais e das desigualdades sociais

marco regulatório terá de conferir aos investidores parâmetros de atratividade e segurança jurídica adequados. Terá de ser capaz de atrair o investimento privado nacional e estrangeiro.

Quais as bases desta nova regulação?

Algumas condições fundamentais precisam ser atendidas: respeito aos contratos; previsibilidade; transparência; retornos compatíveis com riscos e competitividade com oportunidades oferecidas em outros países. As novas propostas, como por exemplo, a introdução dos contratos de partilha, o excesso de poder conferido à nova empresa estatal no âmbito dos Comitês Operacionais dos Consórcios, e a criação do operador único, devem ser melhor avaliadas, uma vez que terão forte impacto sobre as decisões de investimentos.

Quais as perspectivas redistributivas de renda a partir dos royalties do petróleo, especialmente para o Nordeste?

A forma de distribuição das participações governamentais entre os estados, municípios e a União não interfere na segurança jurídica do investimento privado. É uma questão de alocação de recursos e repartição de benefícios entre os diferentes entes de governo. Mas o país não pode perder esta excepcional oportunidade para reduzir as desigualdades regionais.

Qual a importância real do pré-sal para os rincões de pobreza do Nordeste?

Os investimentos previstos pela Petrobras no período 2009-2013 são da ordem de US\$ 140 bilhões, sendo que dessa cifra US\$ 25 bilhões serão destinados ao Nordeste. Isso, sem contar os investimentos de outras empresas e aqueles aplicados na cadeia produtiva do petróleo. São números que representam a importância do setor para a economia e que, sem dúvida, se traduzirão em desenvolvimento. As oportunidades da cadeia de fornecedores para o setor de petróleo e gás são inúmeras. Se as políticas de desenvolvimento regional forem bem direcionadas para a criação de novas empresas e a ampliação das já existentes, o pré-sal será um elemento indutor do crescimento, atuando na redução das disparidades regionais e das desigualdades sociais, proporcionando a melhoria da qualidade de vida da população. O governo tem em mãos a possibilidade de promover o dinamismo das áreas de menor vigor econômico e integrá-las ao mercado nacional. A exploração do pré-sal permitirá esse enfoque integrador sobre

as diversas regiões. O Nordeste deve aproveitar esse momento inédito da economia e se diferenciar pela qualidade das suas ações e políticas. O Brasil tem inúmeras oportunidades de investimentos, um mercado doméstico amplo e uma economia em expansão. É fundamental atuar também sobre a agenda de reformas estruturais e microeconômicas para que as transformações sejam permanentes.

Qual a contribuição da CNI para este debate sobre compensações para estados produtores de petróleo após aprovação do projeto na Câmara?

Em linhas gerais, o foco do trabalho da CNI no que diz respeito ao novo marco regulatório para o pré-sal concentra-se no fomento à competição e na garantia de um ambiente de segurança e atratividade para o investimento privado. Mercados competitivos são fundamentais para a economia crescer e se transformar. Isso não se faz sem segurança jurídica: tanto para garantir a concorrência, quanto para permitir segurança às transações e aos investimentos. A nossa experiência mostra que onde há incerteza sobre as regras do jogo, os investimentos param ou se retraem. Essa é a questão central: regras claras e estáveis e a criação de um ambiente pró-investimento no setor. Na área do desenvolvimento regional e da política industrial julgamos que o país não pode eximir-se de redistribuir os recursos do pré-sal aos diferentes estados segundo critérios mais equitativos, para que possamos construir uma sólida cadeia industrial de fornecedores. É esta uma aspiração da indústria.

Se bem executada, a exploração do petróleo do pré-sal pode garantir recursos para os investimentos estruturantes que o Brasil precisa para elevar sua economia?

O país está diante de uma oportunidade inédita para aprofundar os avanços macroeconômicos e aumentar de forma consistente sua carteira de investimentos. Os próximos anos apresentam uma conjunção de fatores propulsores da atividade industrial no Brasil. É certo que o pré-sal representa uma grande oportunidade para o país e a in-

dústria. A produção de petróleo aumentará muito, em virtude do possível de mais de 100% nas reservas brasileiras. Além do mais, a expectativa é de que o óleo obtido nessas reservas será do tipo médio-leve, que possui alto valor de mercado. Para movimentar toda a atividade de prospecção, exploração, transporte e comercialização do petróleo extraído do pré-sal, diversos segmentos produtivos deverão ser acionados: construção e operação naval, transporte e dutos, refino, armazenagem e infra-estrutura portuária são alguns deles. Os desafios tecnológicos perpassam por diversas áreas, que vão desde nanotecnologia e materiais especiais, até automação, dutos inteligentes, sensores especiais e engenharia submarina. Isso representa um grande desafio para a indústria nacional. O nosso parque fabril avançará em duas vertentes: ampliação de escala de produção e qualificação de recursos humanos. O revigoramento da engenharia nacional é corolário importante desse movimento.





Fotos: Antônio Souza Leão/DPI/D.A. Press

Estas definições sobre petróleo estão nas prioridades da agenda parlamentar da CNI?

Na área do petróleo e do gás natural a CNI trabalha em duas ações: (1) garantir um marco regulatório estável, transparente, competitivo e atrativo para o investimento privado nas áreas do pré-sal; e (2) estabelecer uma política industrial específica que permita o desenvolvimento e consolidação da cadeia de bens e serviços associados à indústria petrolífera. A carteira de encomendas, associada tanto a pesquisa quanto à produção de petróleo e gás no pré-sal, articulada com diretrizes de política industrial adequada, favorecerá que essa demanda de bens e serviços eleve a geração de renda e emprego no país. A experiência do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Promimp) é um bom exemplo nessa direção. Será ampliada com a consolidação de uma política industrial abrangente. Independentemente do regime e do modelo de contrato vigente, é característica da indústria de exploração e produção de petróleo e gás a pluralidade de empresas responsáveis pela execução e condução dos projetos. Essa característica de diversidade de operadores fomenta a competição entre os agentes do mercado, propulsando a obtenção de melhores índices de eficiência na condução das atividades. Com isso, contribui para a atração de investimentos, desenvolvimento da indústria e crescimento econômico.

Quais as perspectivas do Brasil neste mercado mundial?

O ambiente de negócios será cada vez mais pressionado pela competição internacional. Destaco dois movimentos: o primeiro refere-se à indústria petrolífera do Mar do Norte. As reservas de petróleo naquela região estão em fase de redução e as indústrias no Reino Unido e Noruega, principalmente, passam a ver o Brasil como uma grande oportunidade de manutenção da atividade e de empregos. O segundo movimento que merece comentário refere-se à China. Os chineses têm sido incisivos em diversos segmentos da economia mundial e no petróleo não é diferente. Mas a lógica de formação de preços na China é bem diferente da nossa. Daí a importância das reformas estruturais, principalmente na área tributá-

ria. Temos que estar preparados para enfrentar a concorrência internacional em condições de igualdade competitiva.

Como a indústria pode contribuir para que a "maldição do petróleo" não atrepele o crescimento da economia do Brasil?

A chamada "maldição do petróleo" ocorre quando um país se torna fortemente exportador e permite que os recursos oriundos dessa exportação entrem de forma maciça na economia, supervalorizando a moeda local. A apreciação da moeda local provoca a perda de competitividade da indústria em relação aos concorrentes internacionais; o país se torna grande importador de bens e serviços, e a maioria dos empregos são gerados fora do país. Ocorre uma forte desindustrialização e a nação se torna refém da cotação do produto no mercado internacional. Há instrumentos que podem impedir que os fluxos de renda decorrentes da indústria do petróleo impactem negativamente na economia. A criação de um fundo soberano é um desses instrumentos. A criação desse tipo de fundo é prática comum, em especial entre países produtores de commodities não-renováveis. Uma de suas funções é atenuar a apreciação do câmbio decorrente do impacto do aumento substancial de divisas de exportações. Tal situação pode acarretar: na perda de competitividade dos produtos nacionais frente aos estrangeiros e forte indução à importação; na perda de receita para os exportadores de outras áreas e na cotação cambial muito dependente da volatilidade do preço internacional do petróleo.

Qual o papel deste fundo soberano?

O fundo soberano tem também como objetivo evitar que toda a receita auferida pela produção seja consumida pela geração presente. Visa garantir que quando a produção do bem estiver exaurida as gerações futuras possam continuar a usufruir da riqueza, evitando assim quedas bruscas da renda nacional. Os Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Kuwait e Rússia investem grande parte dos recursos advindos da exploração do petróleo em ativos internacionais. Assim, grande parte do excesso de oferta de moeda externa é absorvida pelo fundo, de forma a capitalizar seus investimentos externos. É importante que a destinação dos recur-

sos do fundo visem o desenvolvimento de longo prazo. Projetos que tenham como foco o aumento na renda presente via transferência de recursos não têm efeito duradouro e geram impacto na política monetária. Vale mencionar que o mecanismo crucial para evitar os impactos negativos advindos da renda petrolífera é manter a robustez e a competitividade da indústria nacional. Refiro-me às exigências de um nível mínimo de conteúdo local, para consolidar a indústria fornecedora de bens e serviços, bem como a oferta de blocos em consonância com a capacidade de nossa indústria atender a demanda.

Além de reduzir o déficit de investimentos em infraestrutura, com o pré-sal será possível ampliar os investimentos sociais, como em educação para assegurar mais a qualificação da mão de obra?

O desenvolvimento de um país depende diretamente do nível educacional do seu povo. Uma nação com forte dotação em capital humano está apta a absorver e desenvolver novas tecnologias, o que propicia ganhos de produtividade e crescimento econômico. A agenda de competitividade de um país - e das suas empresas - está associada à capacidade de inovar. Mas para que a inovação surja e se dissemine nas empresas, é necessário que a população economicamente ativa seja capaz de assimilar o conhecimento novo. Há, em especial, a necessidade de adequar o conhecimento às necessidades do setor produtivo. O Promimp tem executado trabalho indispensável ao engajamento da indústria no segmento petrolífero. No âmbito do Promimp estabeleceu-se o Programa Nacional de Qualificação Profissional (PNQP), importante projeto de qualificação profissional visando capacitar mão de obra especializada nas áreas consideradas críticas para o setor de petróleo e gás. O Senai é o maior executor do PNQP. O Promimp tem executado trabalho indispensável ao engajamento da indústria nacional no segmento.

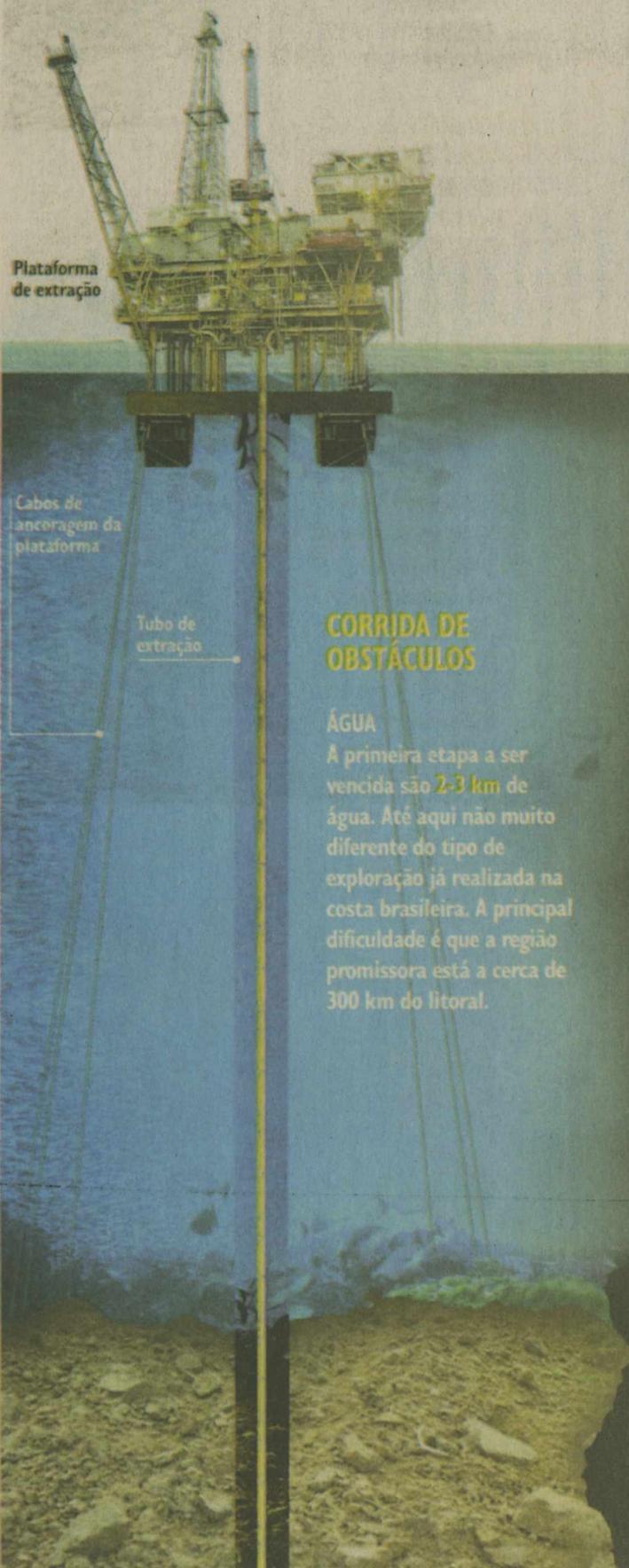
Como neste novo cenário da economia brasileira será possível reduzir os desperdícios com dinheiro público, a burocracia e garantir

mais resultados concretos da máquina pública nos três níveis de gestão?

Há fortes indícios de que existe um déficit de capacidade de gestão e de execução no estado brasileiro. Isto é patente quando se observa o desempenho comparativo das ilhas de competência. Onde há capacidade de formulação, de planejamento e profissionalismo, o estado funciona melhor. De forma geral, a execução dos projetos pelo poder público é complexa e lenta. É necessário, por exemplo, dar maior agilidade no processo de licenciamento ambiental e na licitação de projetos e obras. A maior velocidade na execução das obras depende diretamente do aumento da eficiência da máquina pública. Os desafios de gestão que o estado enfrenta são onerosos para o desenvolvimento dos negócios. O aumento da competitividade da economia requer que a administração estatal se torne profissional e eficiente no desenho e operação de políticas públicas. O novo quadro da economia nacional é uma grande oportunidade para a superação desses desafios. O desenvolvimento industrial e o aumento de recursos em diversos setores sociais exigirão do estado maior capacidade de execução dos projetos e planos. Porém, cabe ressaltar, que só o aumento de recursos não é suficiente para que as transformações ocorram. A união, os estados e municípios também precisam se articular e promover as mudanças necessárias para que o novo contexto econômico propicie o desenvolvimento nacional.

“

O aumento da competitividade da economia requer que a gestão estatal se torne profissional e eficiente na operação de políticas públicas



Plataforma de extração

Cabos de ancoragem da plataforma

Tubo de extração

CORRIDA DE OBSTÁCULOS

ÁGUA

A primeira etapa a ser vencida são 2-3 km de água. Até aqui não muito diferente do tipo de exploração já realizada na costa brasileira. A principal dificuldade é que a região promissora está a cerca de 300 km do litoral.

No dia em que a Seleção Brasileira faz a sua estreia na Copa do Mundo da África do Sul, projeto de lei que cria o Fundo Social e sistema de partilha do pré-sal será votado

Marco regulatório na pauta do Senado

Diante de um clima de muita expectativa e motivo de muitas negociações, o Senado Federal se prepara para votar os projetos que tratam do novo marco regulatório do pré-sal, no início de junho. Em função das divergências geradas após a votação na Câmara dos Deputados, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva trabalha para adiar para depois das eleições de outubro a apreciação das duas mais polêmicas propostas. A que define a distribuição dos royalties do petróleo e a que cria uma nova estatal, a Petrosal. Tudo para evitar mais desgaste entre os aliados dos estados produtores como o Rio de Janeiro e os demais, como a maioria dos nordestinos.

Sobram atritos após a aprovação, em 11 de março passado, pelo plenário da Câmara dos Deputados da emenda dos deputados Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), Humberto Souto (PPS-MG) e Marcelo Castro (PMDB-PI), que cria o regime de partilha para os blocos ainda não licitados. A emenda beneficia os estados não produtores de petróleo. Ela determina que, preservada a parte da União nos royalties e

dividido entre estados e municípios segundo os critérios dos fundos constitucionais (FPM e FPE). Os estados ficarão com metade dos recursos e os municípios com a outra metade. Após o resultado na Câmara os estados produtores passaram a pressionar o Executivo e o Senado por compensações para evitar as perdas.

A concentração de esforço do Planalto é no sentido de assegurar a aprovação das outras matérias menos polêmicas como a criação do fundo social e a capitalização da Petrobras. Mesmo antes de o Senado votar os projetos de lei que tratam da exploração da camada pré-sal, o líder do governo na Câmara, Cândido Vaccarezza (PT-SP), já prepara um cronograma e uma forma de mobilização dos deputados para novas votações das propostas na Casa. Isso porque os projetos estão sendo alterados no Senado e dependem de novas deliberações dos deputados.

Vaccarezza está conversando e convocando os deputados para iniciar a votação do projeto de lei que cria o Fundo Social e institui o sistema de partilha na exploração do pré-sal na noite de 15 de junho,

Copa do Mundo. O líder quer que os deputados estejam na Câmara depois do jogo para começar a discussão e votação do projeto. Segundo ele, a votação continuaria no dia 16 e na terça-feira da semana seguinte. "Vamos conversar pessoalmente com cada deputado para essa votação".

Ainda de acordo com o líder, os senadores devem aprovar o texto da Câmara ao projeto que trata da capitalização da Petrobras, sem modificações. Com isso, a matéria deverá ser encaminhada diretamente à sanção presidencial sem nova deliberação dos deputados. Em relação ao projeto de criação da nova estatal Petrosal, Vaccarezza informou que a votação no Senado ficaria para depois.

Embora a pauta da Câmara esteja travada por oito medidas provisórias, os aliados do governo estão impedindo que essas MPs sejam votadas e encaminhadas ao Senado. Isso porque, ao chegarem naquela Casa, as MPs passam a trancar a pauta das votações do Senado e impedem assim as votações dos projetos do pré-sal. Dessas oito MPs duas perdem a eficácia terça-feira - a 476 e a 478 - e outras duas - 481 e 482 - dei-

ROCHA

A barreira seguinte consiste numa muralha de rocha, mais ou menos com a mesma espessura da camada de mar acima dela, ou seja, aproximadamente outros 2 km de pedras no fundo do mar, que precisa ser atravessada para a instalação do poço.

SAL

Abaixo de toda essa água e rocha, outra camada, também de aproximadamente 2 km, é feita de sal. Embora compacta, essa área de sal sofre os efeitos da pressão e do calor gerado pela energia geotérmica e se comporta menos como um sólido e mais como uma gelatina.

PETRÓLEO

Sob o sal foi encontrado gás natural e petróleo leve, de alta qualidade. A extração, porém, não é simples. O próprio peso de uma tubulação de 7 km impõe desafios mecânicos. Além disso, ao ser bombeado o petróleo está quente (100°) e fluido, mas pode "endurecer" nas baixas temperaturas do oceano.

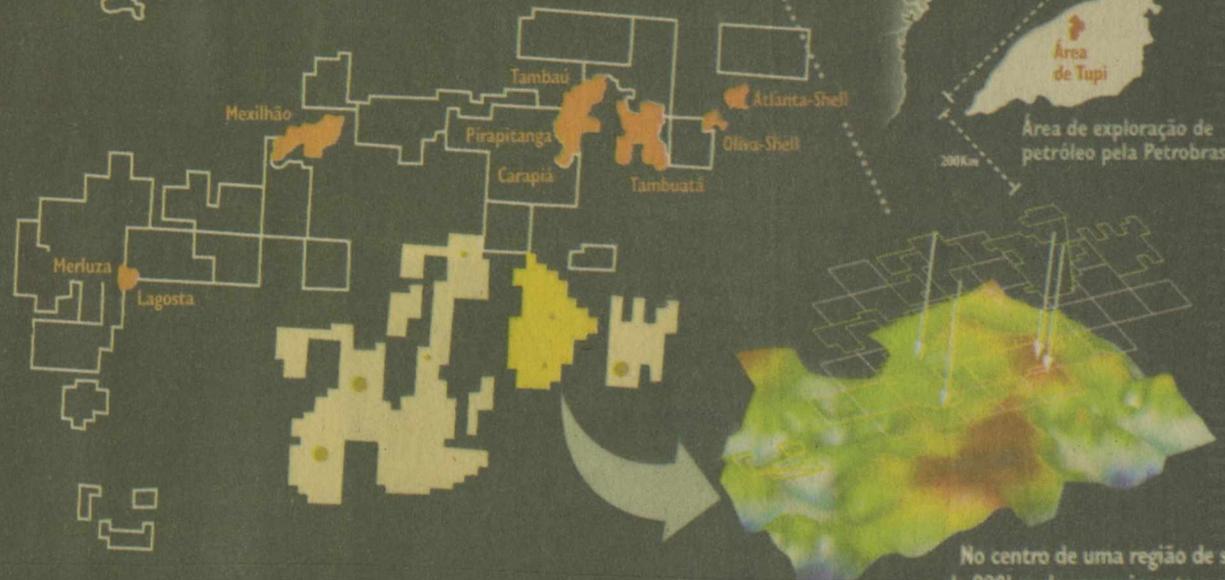
ÁREAS DE MAIOR ATIVIDADE DE EXPLORAÇÃO DA PETROBRAS

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

Bacia de Santos

Com as novas descobertas, o governo suspendeu a oferta de áreas de exploração próximas à região de maior potencial. Discute-se agora se haverá mudanças no modelo de concessão utilizado atualmente, ou apenas aumentos na taxaço sobre os poços produtivos



No centro de uma região de sal de 800km de comprimento e até

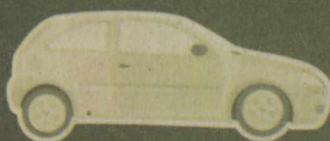
200km de largura, a Petrobras lidera a perfuração de poços. Uma das áreas mais promissoras é o interior de uma espécie de morro submerso, batizado de Pão de Açúcar, que se estende por pelo menos quatro blocos de exploração já licitados. Chamada de pré-sal, esta grande região pode guardar até 70 bilhões de barris de petróleo

RESERVAS PROVADAS



ONDE OS UTILIZAMOS?

Principais produtos oriundos de petróleo e gás



COMBUSTÍVEIS

40% de toda a energia gerada no mundo vem do petróleo e o uso mais disseminado é em forma de combustíveis como gasolina e diesel



GÁS DE COZINHA

Mesmo quem não tem carro acaba utilizando o petróleo, especialmente porque é dele que se extrai o gás de cozinha (GLP) presente na maioria dos lares



BORRACHAS

A maior parte dos pneus feitos hoje em dia utiliza três vezes mais borracha sintética, ou seja, petróleo, que a borracha natural

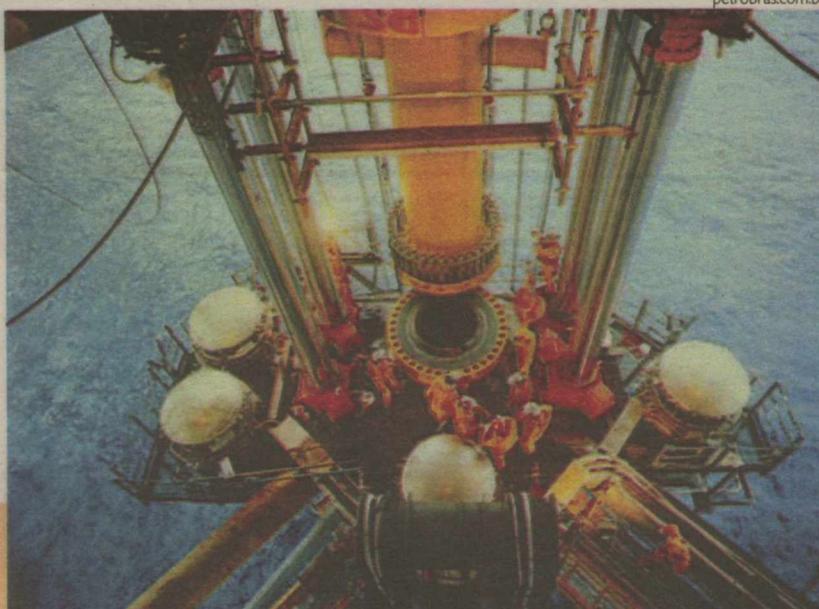


FERTILIZANTES

A alimentação também depende do petróleo, e não somente para transportar comida. Fertilizantes e pesticidas artificiais utilizam o óleo como matéria-prima

**UP
STREAM**

Upstream é uma expressão usada no setor de petróleo para significar a parte da cadeia produtiva que antecede a produção do petróleo propriamente dita. São as atividades de pesquisa, descoberta e desenvolvimento. Ela inclui ainda a produção com a extração do petróleo e do gás natural. As operações de transferência e estocagem iniciam-se após a prospecção, quando se necessita transportar o petróleo, seja por oleodutos ou por navios.



petrobras.com.br

Downstream é fase de refino do petróleo e processamento do gás, que inclui ainda a parte de logística com o transporte e a distribuição do produto até a sua comercialização. O petróleo resultante da prospecção seja em terra, seja no mar, precisa ser transportado para as refinarias onde é processado e transformado em produtos de maior utilidade e valor agregado, como gasolina, nafta, querosene, diesel etc.

**DOWN
STREAM**

Ação articulada para garantir resultados

Indústria com classe mundial só com clareza dos investimentos, regras do jogo bem definidas, ganhos de competitividade e oferta de crédito

A elevação do potencial da indústria nacional para atingir os almejados níveis de qualidade e competitividade internacionais será impulsionada pela cadeia produtiva do petróleo. Consciente de que este primeiro passo já foi dado, graças, sobretudo, às descobertas do pré-sal, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) contribui com o poder público para estruturar e acompanhar o desenvolvimento das políticas que assegurem este salto de qualidade, que terá desdobramentos para vários setores.

“Para termos indústrias de classe mundial, competitivas e atuantes no mercado internacional, o Brasil precisa de programação e clareza dos investimentos, regras do jogo bem definidas, ganhos de competitividade e oferta de crédito”, lembra o presidente da CNI, Armando Monteiro Neto. Perseguir este objetivo exige muita de-

dicação e um trabalho contínuo e integrado.

Os novos desafios tecnológicos para indústria petrolífera apontam para a criação de materiais e modelagens especiais, além de investimentos em nanotecnologia. Também evidenciam a criação de plataformas desabitadas, o que requer estudos aprofundados em automação. A montagem de dutos inteligentes para garantir um eficiente sistema de escoamento do petróleo e do gás associado é outro ponto fundamental, junto com a construção de novos reservatórios. E, para completar, investimento em engenharia de poços, logística em engenharia submarina.

De acordo com Monteiro Neto, a capacidade de refino instalada no país terá de ser ampliada para atender o crescimento da demanda doméstica. “O Brasil continua um importador líquido de derivados de petróleo de al-

to valor agregado, como o óleo diesel. Daí a importância da instalação das 5 novas refinarias que estão sendo construídas”, destaca.

Sem o papel institucional do setor produtivo e da sociedade organizada cobrando estrutura e resultados, o cumprimento das metas pode ficar distante. “A CNI participa destes processos de articulação. A Petrobras integra toda uma parceria de várias organizações que compõe uma agenda de melhoria da gestão para o desenvolvimento e da cadeia nacional de fornecedores. Então, a CNI é parte integrante de toda uma estratégia de substituição competitiva das importações. Estamos presentes em todos os fóruns de consulta, mobilização e interlocução da sociedade”, afirma Rafael Lucchesi, diretor de Operações da CNI.



A CNI é parte integrante de toda uma estratégia de substituição competitiva das importações

Rafael Lucchesi, diretor de operações da CNI

Uma atividade inovadora

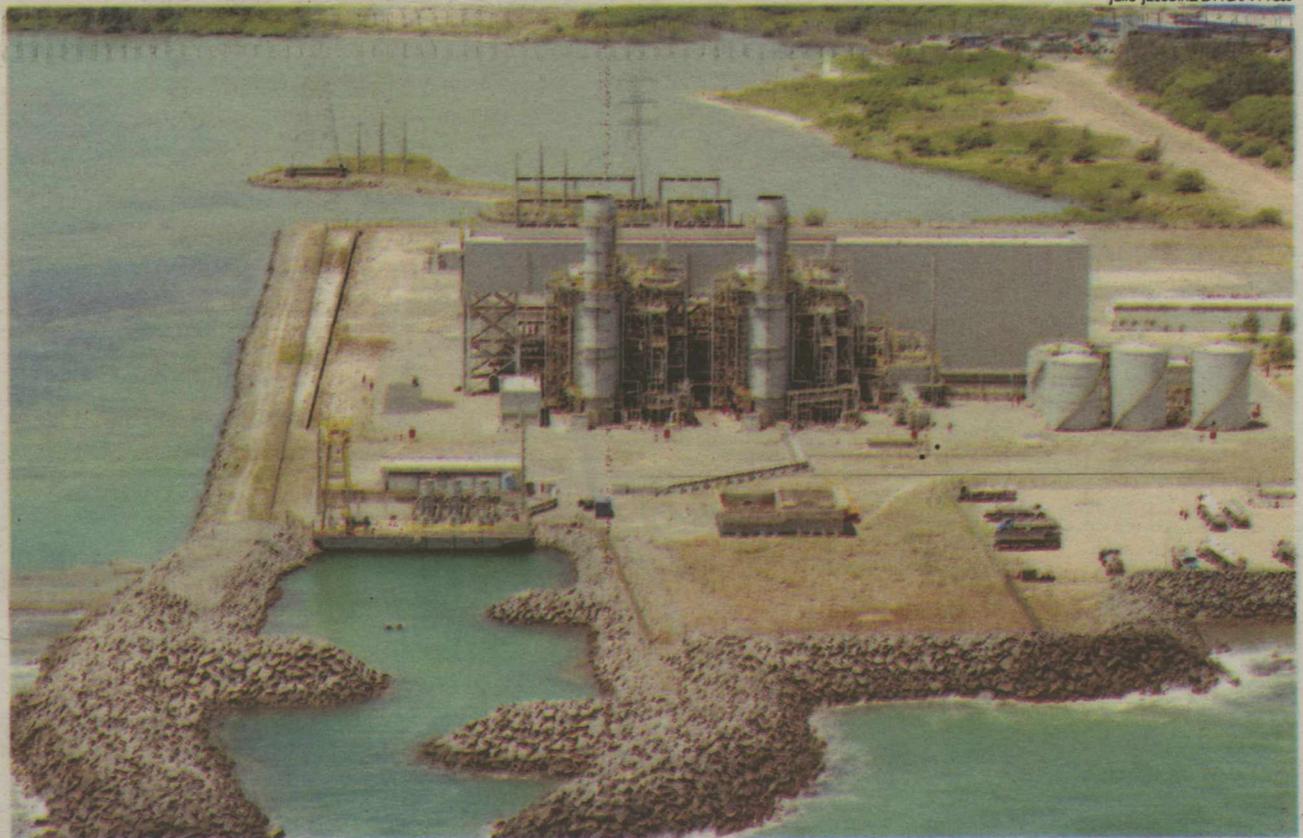
O impacto desse segmento é bastante distribuído e com efeito dinâmico em outras atividades industriais

Fatores como a descoberta de petróleo na camada de pré-sal e a estabilidade financeira aumentaram a visibilidade do Brasil internacionalmente e reforçam a perspectiva otimista de fortalecimento do mercado interno, de incremento da renda per capita e de uma progressiva diminuição das desigualdades sociais. O grande desafio do empresariado, dos governos, das entidades de classe e das instituições de ensino e pesquisa é não desperdiçar essa oportunidade. Investimentos maciços de uma atividade industrial inovadora, com forte base científico-tecnológica e com um mercado aquecido tanto internamente como internacionalmente, como o setor de petróleo.

E mesmo com um cenário de preocupação com o aquecimento global e tendência de mudança na matriz energética baseada em fontes renováveis, o petróleo ainda é a principal fonte energética, principalmente para países em crescimento com Índia e China. Estima-se que a demanda cresça em 50% até 2030. Hoje é o Brasil é o 14º maior produtor de petróleo e ficará entre os dez após a extração do pré-sal. O Brasil conquistou sua autossuficiência em petróleo e investiu em pesquisa e desenvolvimento.

O impacto desse seguimento é bastante distribuído e com efeito dinâmico em outras atividades industriais, que fazem a economia se movimentar de forma sistêmica. "São setores que impactam positivamente a energia elétrica, as telecomunicações, o saneamento, as rodovias, ferrovias e portos. Reduzindo o déficit na infraestrutura", assegura o diretor de operações da CNI, Rafael Luchesi. Segundo ele, a CNI tem sido parceira, através do Senai, de toda agenda de treinamento e capacitação de mão de obra.

Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, a indústria brasileira tem totais condições de atender a demanda da Petrobras e construir as 28 sondas para operação em águas profundas. E que o grande desafio está embutido nas distorções do sistema tributário brasileiro que compromete a competitividade da indústria nacional. "Esse custo Brasil está embutido nas distorções do nosso sistema tributário, que impõe uma carga tributária desigual, na excessiva rigidez de nossa legislação trabalhista, e na obsolescência do parque nacional de infraestrutura de transportes", afirma Monteiro Neto.



Julio Jacobina/DP/DA Press

Cadeia do petróleo tem impacto em vários setores como na construção de termelétricas e na formação de novos quadros na economia

Mais de 300 oportunidades

Mesmo sem ainda estar sentindo os efeitos do pré-sal. A Fiepe e o Senai em parceria com Sebrae mapeou toda a cadeia produtiva do setor de petróleo, gás naval e offshore e identificou mais 300 oportunidades de investimentos para médios, pequenos e micro empresários. Essas oportunidades estão sendo exploradas pelas escolas técnicas do Senai espalhadas pelo estado, respeitando a vocação de cada região. Pernambuco é um bom exemplo de como essa cadeia do petróleo é rica e diversificada.

"Todos os cursos estão orientados para o mercado, de acordo com os arranjos produtivos locais. Respeitando a vocação de cada região. Além de qualificarmos a mão de obra, estamos oferecendo possibilidades reais de empregabilidade", reforça o vice-presidente da Fiepe, Ricardo Essinger. Essa ramificação vem ao encontro da Federação de estimular que todo esse desenvolvimento econômico

não se restrinja apenas ao Grande Recife.

Mas para integrar essa cadeia produtiva oderecida pelo setor muitos trabalhadores e empresários estão tendo que se qualificar e, em muitos casos, voltar aos bancos das universidades e dos cursos técnicos. Essa avaliação é feita pela Federação das Indústrias de Pernambuco (Fiepe) que vem dando uma atenção especial a esse novo cenário de oportunidades para o setor produtivo.

"As empresas de Pernambuco ainda não estão preparadas para fazer parte desse novo cenário de investimentos, tanto é que a grande preocupação do Sistema Fiepe em amparar as empresas para que elas participem da divisão desse bolo. Para isso temos oferecido seminários, rodas de negócios, qualificação de mão de obra, tanto do operário quanto do empresário. Também temos procurado as

pequenas e micro empresas, juntamente com a Petrobras e o Sebrae, para que todas possam participar desse projeto", afirma Essinger.

“

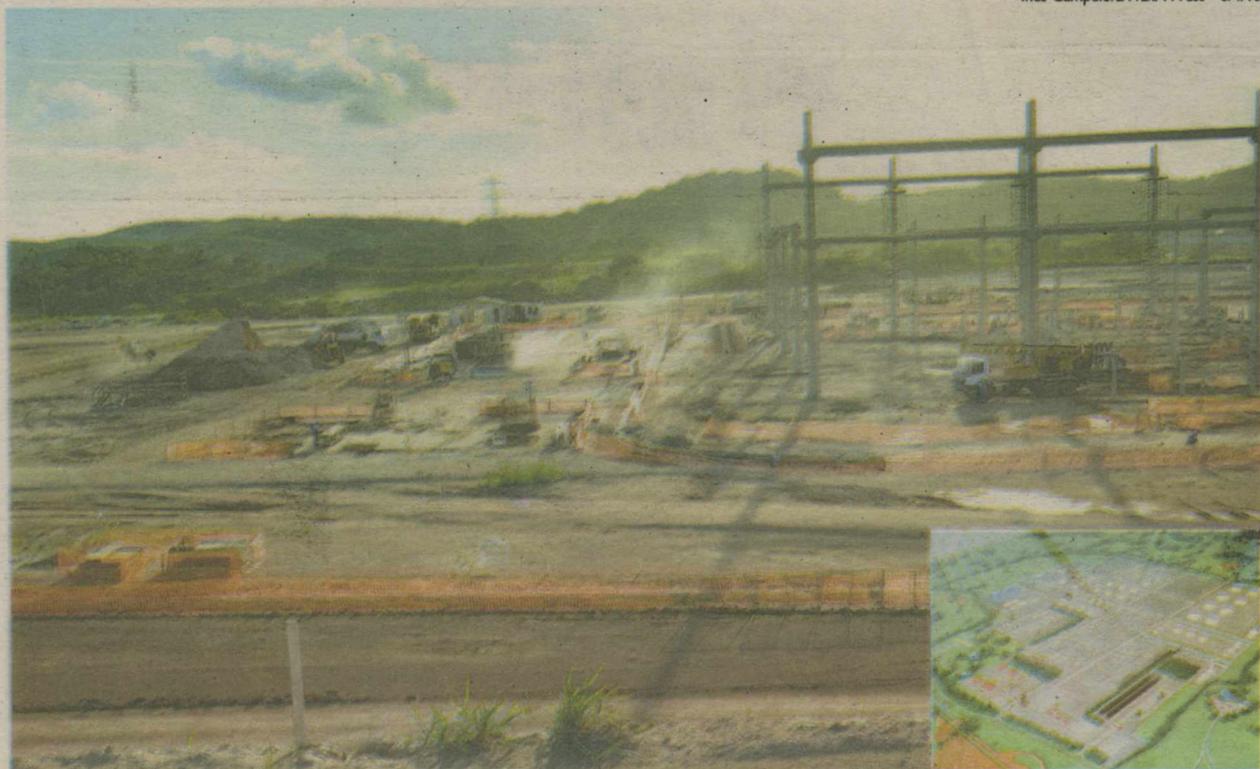
Respeitamos a vocação de cada região. Além de qualificarmos a mão de obra, estamos oferecendo possibilidades reais de empregabilidade

Ricardo Essinger, vice-presidente da Fiepe

Crescendo acima da média nacional

A instalação de grandes empreendimentos no Complexo Industrial e Portuário de Suape, como refinaria, estaleiro e polo de petroquímico, reestrutura a economia

Inês Campelo/DP/DA Press - 6/4/10



Refinaria Abreu e Lima, que está sendo instalada em Suape, fica pronta em 2012 e poderá dobrar o refino de petróleo com o pré-sal

A descoberta de petróleo nas camadas de pré-sal não mudará apenas a realidade econômica do Brasil ou dos estados produtores. A região Nordeste e até mesmo estados que não produzem uma única gota de petróleo, como é o caso de Pernambuco, também se preparam para viver uma década - ou várias delas - de ouro em suas economias, impulsionados pelo cenário nacional favorável de estabilidade financeira. E se a expectativa é de que o Brasil cresça de 5% a 6% ao ano, para Pernambuco a estimativa de crescimento é ainda maior. As projeções são para um número entre 8% e 10% e, em 2012, além de crescer mais que a média nacional, Pernambuco deverá dobrar seu PIB (Produto Interno Bruto) em relação ao de 2006, chegando a casa dos R\$ 102 bilhões.

“Pernambuco deve continuar a crescer, este ano e nos próximos também. Estimulado pelo desempenho favorável da economia brasileira e pelos investimentos estruturados em curso, mas sem dúvida que o carro-chefe são os empreendimentos de Suape. Em 2012 o nosso PIB será o dobro do que era em 2006”, assegura o presidente da Fiepe, Jorge Côrte Real. De acordo com ele, esse crescimento se baseia em dados concretos e não apenas em projeções.

Para se ter ideia do potencial de alguns empreendimentos que se instalam em Pernambuco, a Refinaria Abreu e Lima, o Estaleiro Atlântico Sul e o Polo Petroquímico, que estão em implantação em Suape, representam investimentos da ordem de R\$ 35 bilhões e devem gerar, juntos, 8.300 empregos diretos.

Esse número será ainda maior no período de construção, por ser uma indústria de capital intensivo de mão de obra. A refinaria, por exemplo, deverá chegar a 28 mil pessoas trabalhando a partir de maio do próximo ano, quando estará no pico das obras. Mas esse número será reduzido a 1.500 pessoas quando já estiver em operação, contando os terceirizados. Essa redução se deve ao alto grau de automatização do setor.

“Nunca vi um cenário tão favorável. Se o Brasil é a bola da vez, a locomotiva do Brasil é Pernambuco. Nós estamos no centro estratégico do Nordeste e num raio de 800 quilômetros nós cobrimos 90% do PIB da região. Vamos ter uma refinaria premium, com capacidade de produzir 600 mil barris”, festeja Antônio Sotero, diretor de Petróleo e Gás da Fiepe.

Renata Victor/Fiepe/Divulgação



Côrte Real: potencial para dobrar o PIB

Provedor para o mundo

A meta é transformar o complexo industrial de Suape num polo provedor de bens e serviços na área de petróleo, gás, naval e offshore para o mundo. Instalado no chamado “Triângulo de ouro” ele está no epicentro estratégico que liga Suape a 180 rotas mundiais de navegação. Através do seu plano diretor, o complexo tem 630 hectares para a instalação dos estaleiros Alusa/Galvão, Construcap, Tomé-Schain, o português MPG Shipyards e o coreano STX Europe, além do Atlântico Sul, que apesar de não estar concluído, já está operando. Todos esses empreendimentos de grande porte são voltados para atender o mercado internacional. Eles estão sendo beneficiados pela Zona de Processamento de Exportação (ZPE), que permite que uma empresa estrangeira, detentora de tecnologia, possa se instalar e também exportar até 80% da sua produção com isenção de impostos.

Esse cenário mostra a recuperação da indústria naval brasileira, que depois de 13 anos lançou um novo navio ao mar em 7 de maio, o João Cândido, um modelo Suezmax, fabricado pelo estaleiro Atlântico Sul. Um segundo navio fica pronto em dezembro.

Trabalhando dentro da mesma cadeia, o polo petroquímico de Suape com as plantas de PTA, POY e PET, irá potencializar outros setores da economia. A fábrica de poliéster irá produzir de 240 mil a 280 mil toneladas por ano. Para se ter uma ideia do que significa esse número, hoje o Brasil produz de 40 mil a 50 mil toneladas/ano. Passaremos de importador para exportador. E esse é um segmento que tem um alto poder germinador, porque praticamente todo tecido hoje em dia tem fibra de poliéster.

Júlio Jacobina/DP

Pernambuco está no epicentro da indústria naval e o offshore brasileiro. Isso terá um impacto muito grande na sua economia

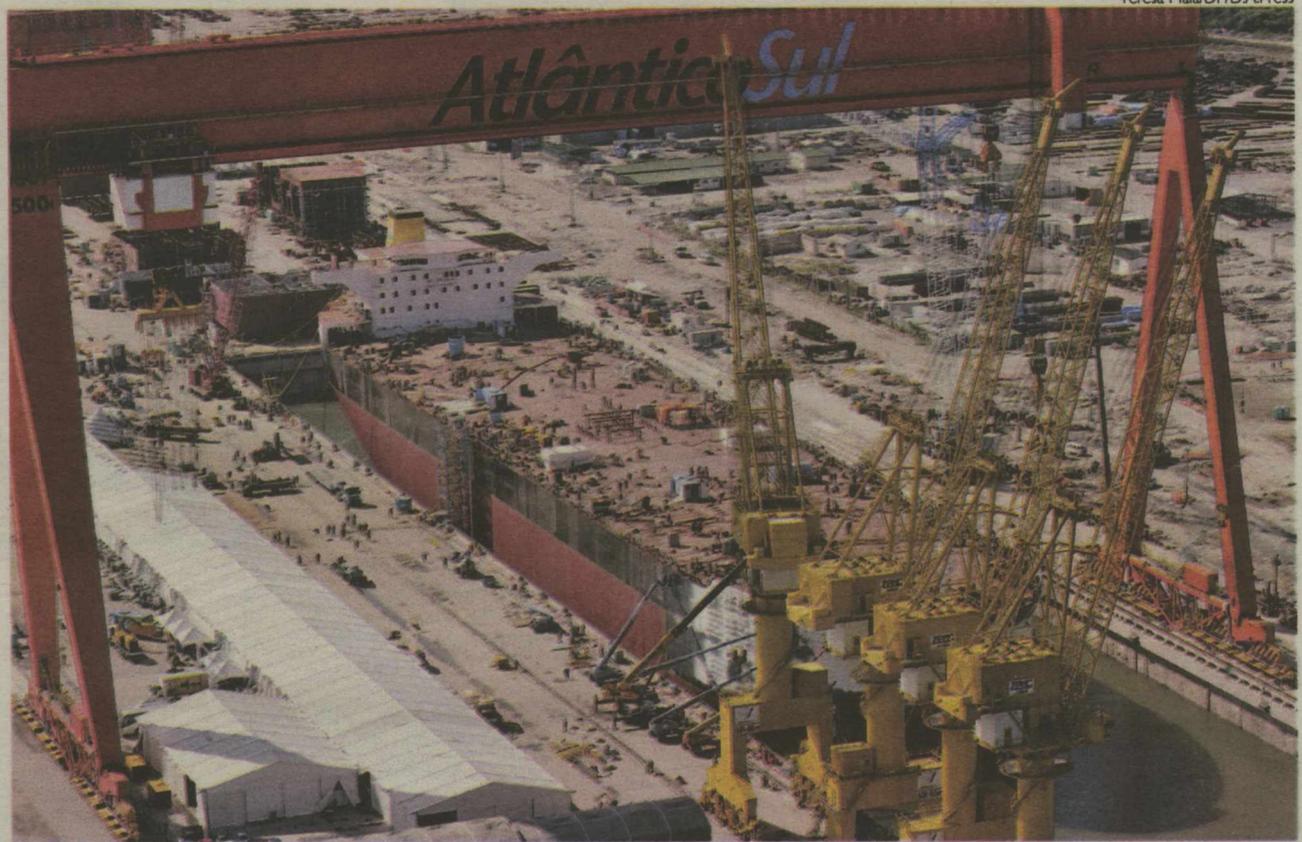
“Tsunami” de oportunidades

Se a intenção do projeto Suape Global era consolidar a região como um polo de produtos e serviços para a indústria de petróleo, gás natural, offshore e naval o resultado é positivo. Lançado em 2008 pelo governo do estado, através de parcerias com a Universidade Federal de Pernambuco, o Sistema Fiepe e o Sebrae, hoje é uma realidade e um marco de desenvolvimento. “Pernambuco está hoje no epicentro da indústria naval e o offshore brasileiro. E isso terá um impacto muito grande na sua economia. Para a produção de qualquer tipo de embarcação, seja sonda, navio, barcos de apoio, graneleiros, enfim, essa demanda envolve encomendas que devem variar entre US\$ 140 bilhões a US\$ 170 bilhões”, acredita o diretor de petróleo e gás da Fiepe, Antônio Sotero.

O projeto Suape Global foi criado para potencializar os impactos positivos desses investimentos estruturadores. Na prática, a proposta é criar um conjunto de iniciativas que visam fazer com que Pernambuco se torne uma referência para os mercados nacional e internacional. Para Sotero, o fato positivo de todos esses investimentos foi a decisão do governo federal em 2003, de que esses empreendimentos tivessem um mínimo de conteúdo nacional. “Isso deu uma alavancagem no Brasil como um todo e em Pernambuco em particular. Não se constrói um estaleiro sem que se tenha a certeza de uma perenidade. É preciso ter escala e o estaleiro (Atlântico Sul) tem uma carteira invejável de 22 navios e mais um casco da plataforma P-55. Sem contar com as 28 sondas que ainda vão ser licitadas para o pré-sal”, argumenta.

Mas os benefícios para a região não se restringem à geração de empregos. O avanço tecnológico desses empreendimentos também vai deixar um legado muito importante para a região, que Sotero classifica como “a curva do aprendizado”. O Atlântico Sul tem a base tecnológica da coreana Samsung que, aliado à sua capacidade de processamento de 160 mil toneladas por ano de aço, faz dele o maior estaleiro do hemisfério sul. “Isso é muito importante não só para as pessoas, mas para a formação do cluster naval. Pernambuco que até então só tinha tradição na indústria açucareira, passa a ser um player da área naval mundial”, comemora o diretor da Fiepe.

Quem também concorda com essa mudança no perfil da indústria de Pernambuco é o



Teresa Maia/DP/D.A.Press

Construção de petroleiros no Estaleiro Atlântico Sul consolida a posição do Brasil como um dos grandes da indústria naval mundial

presidente da Fiepe, Jorge Côrte Real. “Todas essas empresas instaladas aqui são de alta tecnologia e concorremos com o mundo todo. Isso nos trará a elevação do padrão tecnológico da indústria de Pernambuco. Porque tanto o funcionário quanto o empresário estão tendo que se qualificar. Vamos ter outro nível técnico dentro das empresas”, afirma. Ele também acredita que toda essa preparação vai contribuir para a chegada da demanda do pré-sal. “Será uma nova fronteira em termos de encomendas e já teremos um uma indústria de base muito mais preparada”.

As oportunidades de negócios com a descoberta do petróleo nas camadas do pré-sal e os novos empreendimentos são tantos que muitos empresários não sabem sequer dimensionar as oportunidades. Sotero costuma chamar de “tsunami de oportunidades”. Isso porque essa transferência de tecnologia permite que o navio construído aqui tenha o mesmo preço de um produzido nos melhores estaleiros do mundo. E isso se chama competitividade em nível global.

PRINCIPAIS INVESTIMENTOS ESTRUTURADORES EM PETRÓLEO, GÁS, NAVAL E OFFSHORE EM SUAPE-PE

Refinaria Abreu e Lima - Em fase de implantação. Investimento de US\$ 13,3 bilhões. Com 1500 empregos diretos, a refinaria tem uma área de 630 hectares. A capacidade de processamento é de 230 mil barris por dia. Quase 70% da sua produção é diesel. Com previsão de uma primeira fase em 2012.

Complexo Petroquímico - Três plantas PTA, POY e PET em fase de implantação. Previsão de conclusão em 2011. Investimento de US\$ 4 bilhões e a geração de 1.800 empregos diretos. A fábrica de PTA terá capacidade de produção de 640 mil toneladas ano. A fábrica de POY terá capacidade 240 mil

toneladas ano. E a fábrica de PET 450 mil toneladas por ano.

Estaleiro Atlântico Sul - Em operação. Investimento de US\$ 1 bilhão. Geração de cinco mil empregos diretos, quando da sua capacidade total. Hoje já está com 3.700 trabalhadores contratados. Possibilitando ainda a geração de 25 mil empregos indiretos. Capacidade de processamento de 160 mil toneladas. Primeiro navio produzido já está no cais de acabamento.

Total de investimentos: US\$ 18,3 bilhões, total da geração de postos de trabalho: 8.300 mil empregos diretos.

Para se tornar fornecedor



Através de instituições do sistema CNI, pequenos e médios empresários nordestinos tiveram acesso à capacitação da Petrobras para se tornarem parceiros dos grandes

Instrução e rodada de negócios reuniu 2.700 pessoas no Centro de Convenções

Fortalecer uma indústria que teve como base a produção açucareira para integrar a cadeia do petróleo, gás, naval e offshore. Esse é apenas um dos desafios que o setor produtivo de Pernambuco e, também do Nordeste, está tendo de enfrentar para esse novo cenário de oportunidades a partir do pré-sal. Para isso, diversas ações estão sendo desenvolvidas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), Federação das Indústrias de Pernambuco (Fiepe), Instituto Eivaldo Lodi (IEL), Petrobras, governos federal, estadual e municipal além do meio acadêmico. Esse modelo foi proposto pelo Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás (Prominp), uma iniciativa do Ministério das Minas e Energia, coordenada pela Petrobras.

Essas entidades realizam ações de desenvolvimento, integração e articulação industrial para que todos esses atores possam trocar experiências sobre o setor. "Trazemos tudo o que o Instituto Brasileiro de Petróleo e Bicomcombustíveis tem sobre o setor, quais os problemas e os sucessos. Os empresários participam de uma verdadeira imersão de conhe-

cimento para que eles possam despertar para o tamanho dos investimentos e oportunidades", afirma o diretor de Petróleo e Gás da Fiepe, Antônio Sotero.

Para auxiliar esses empresários, principalmente os micros e pequenos, a se inserir na cadeia produtiva do setor foi definido um convênio entre Petrobras, Sebrae e Fiepe. Através de rodadas de negócios e apresentações das demandas do estaleiro e da refinaria foram confrontadas as ofertas locais de produtos e serviços com a necessidade desses empreendimentos. "Essa é uma forma do empresário conhecer os requisitos de contratação dos grandes empreendimentos e poderem se integrar a essa cadeia. Reunimos 2.700 pessoas no Centro de Convenções e realizamos uma média 3, 1 mil rodadas de negócio", disse Sotero.

IEL foca competitividade – Quem também vem desempenhando um importante papel junto aos empresários para essa integração é o IEL, que vem articulando o diálogo entre o meio acadêmico e o setor produtivo. "O IEL assumiu o papel de articulador de projetos de competitividade industrial, com foco em inovação. A pro-

posta é captar soluções, articular e contribuir para a competitividade das empresas de Pernambuco", esclarece Girlane Lima, superintendente do instituto em Pernambuco.

Na prática, o IEL vem prospectando o setor, buscando saber especificamente quais as demandas dos grandes empreendimentos e levando essas informações e capacitações para que os empresários possam se qualificar e garantir a competitividade do produto. "Estamos capacitando as empresas na busca da qualidade, da tecnologia e da melhoria dos processos. E, orientando inclusive, na elaboração e identificação de projetos, do problema, para impedir que todo esse mercado fique com empresas de fora", revela a superintendente do IEL.

Sobre as perspectiva do setor com a descoberta do pré-sal Gilane afirma que o instituto se mostra otimista com o crescimento do mercado de petróleo. "A perspectiva do pré-sal é muito boa e boa para o Nordeste. Porque vamos ter bases para estarmos inseridos no processo. O que pre-

cisamos é gerar essas competências, esses conhecimentos que permitam a gente participar de uma indústria completamente nova. Nova desde sua competência tecnológica até o modelo de funcionamento. Mas considero que temos uma vantagem significativa por vivermos a experiência do estaleiro", ressalta.



Os empresários participam de uma imersão de conhecimento para que possam despertar para o tamanho dos investimentos e oportunidades

Antônio Sotero, diretor da Fiepe